

"Tu me dizes, meu amigo, que não nos devemos preocupar com o corpo, e sim permitir-lhe que satisfaça os próprios apetites. Porém, uma vez corrompida, a carne corrompe a alma."

André Gide.

Silveira de Menezes

"GABAREDAS"

FUNC - MA.
Biblioteca Pública
"Benedito Leite"

Poesias

(Edição de 3 milheiros)

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
Rua Bethencourth da Silva ns. 15, 17 e 19
FREITAS BASTOS, SPICER & C.
Rio de Janeiro

Ao brilhante e presado
amigo Sr. Oswaldo de Souza e
advogado e formalista
que vem empunhando

PRIMEIRA PARTE

a sua intelligencia bella
LABAREDAS DO SOL

eculta, nas mais
buvarveis batalhas
em pro^{da} das letras
e das boas causas nacionais

SEGUNDA PARTE

LABAREDAS DA LUA

e a sua Ex^{ma} Família.

Com a admiração e

Rio/25/7/924.

Silveira de Menezes.

Do mesmo autor

A Sahir :

SERPENTINAS — (Contos)

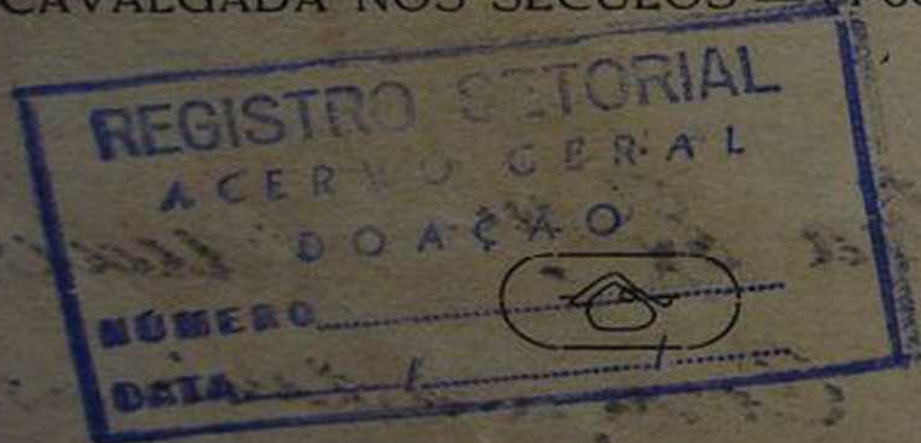
A REVOLTADA — (Romance)

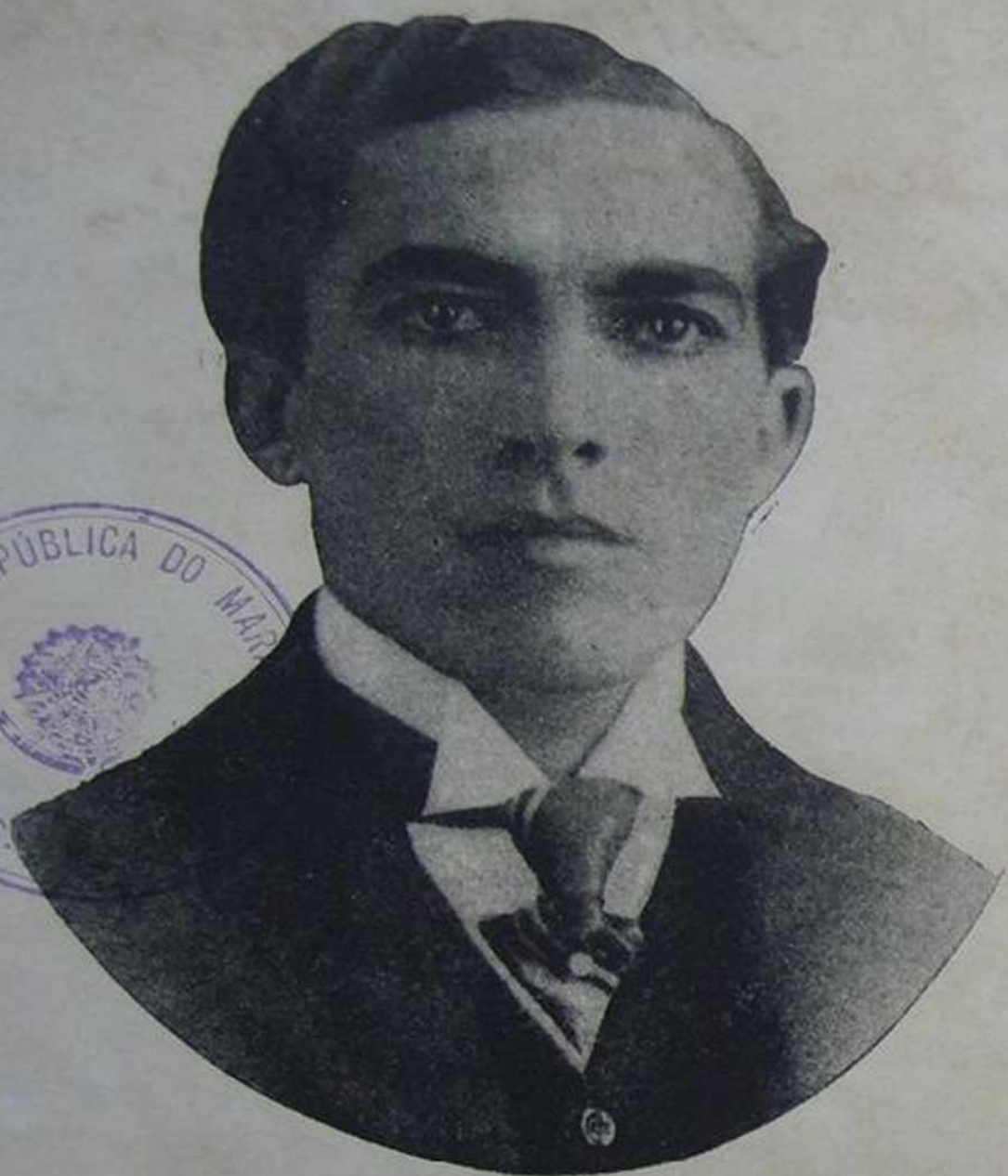
CAIXA DE SEGREDOS — (Estudos psicologicos)

DISCURSOS — (Políticos e literarios)

ALAÚDE PAGÃO — (Poesias)

CAVALGADA NOS SECULOS — (Poema completo)





Silveira de Menezes.

Nasceu em Caxias - Maranhão

A. De Guy Martão, após

da Athena Brasileira,

Ao glorioso Estado do Maranhão,

na Ilha, ao
minha terra natal, amigo e

Mestre, of.

o Mário Almeida

na pessoa do seu honrado presidente,

Exmo. Snr.

DR. GODOFREDO VIANNA

eminente estadista e brilhante homem
de letras.

Homenagem do 22

Autor.

17
/42



A' Exma. Sra.



D. JOVILIANNA BARRETO VIANNA



Homenagem ás

suas preciosas e raras qua-
lidades de virtude e intel-
ligencia.

Para a Biblioteca Pública
de São Luís e Maranhão
oferece
Guimarães Marinho

— AOS LEITORES —

Rio, 27-4-1942.

Este livro, lido ha algum tempo, no original, ás illustres sociedades do Rio e de S. Paulo, era para já ter sido publicado. Motivos superiores, entretanto, sómente agora me permittiram offerecel-o á luz dos espiritos generosos e ao bisturi inexoravel da critica.

Não o publico porque já estivesse satisfeito com a minha arte e a julgasse soberana e digna dos mais vibrantes louvores.

Fil-o depois de animado por bondosos amigos. Era, mesmo, minha intenção passar mais longos dias ardendo o espirito, acrisolando o cerebro em mais purificadoras e milagrosas labaredas da idéa, á procura da imagem formosa, clara e singular.

Como hão de notar os illustres leitores, eu não tenho estylo uniforme, portanto, não me escravizo a nenhuma escola literaria. Escrevo livremente em todos os estylos, de accôrdo com o meu estado d'alma, pois nem sempre esta se acha sob uma mesma impressão.

Ora somos românticos, piedosos, carinhosos, humildes — temos alma de Christo; ora somos materialistas, tragicos, orgulhosos, revoltados — temos alma de Nero.

E até mesmo em certas occasiões, vemos o mundo ás avessas — e somos, então, futuristas...

Verão, também, os que me lerem, que eu me pre-occupo mais com a idéa simples e a imagem singular do que com essa Fôrma pesada e triste, especie de cota de malha com que alguns escriptores vestem a divina deusa da arte soberana que é nua e simples como uma nymphá.

Prefiro a belleza livre e bizarra.

Nos desenhos mais impressionantes da Natureza pompeia a belleza nua e livre. Isto se nota na campina, nas florestas, nos valles, nos mares, nas montanhas e em todo o Firmamento. O céu irritaria o olhar e a alma, depois de certo tempo, se as estrellas estivessem collocadas symetricamente.

A critica acerba, em geral, não ligando importancia a ~~essas~~ divinas realidades, exige quasi sempre a tortura do artista, não na belleza e na novidade das concepções, o que é justo e até louvavel, mas no modo de as externar como nessa poesia parnasiana que anda ahí barata e prolifera, accessivel a todas as intelligencias que conheçam um methodo de metrificacão, como quem possue um manual culinario, para ser bom mestre-hotel, ou machina de calculo americana para dar um infallivel mathematico.

A poesia parnasiana só póde ser acceita quando é perfumada da belleza lyrica, que foi e será sempre a delicia da vida. Bilac teve a felicidade de comprehender isto, e foi triumphante. Sómente o lyrismo é sagrado, é a linguagem verdadeira do coração e por ser humano é o que mais sensibiliza, exalta e vitaliza todas as almas como magnifico vinho generoso.

Entre nós a verdadeira critica de arte, como é sabido, não é muito commum. Não são muitos os criticos justiceiros e leaes, analysadores dos adarves mais impressionantes da Arte.

Ha, mesmo, quem tome uma obra para estudal-a somente quanto a tal Fôrma fria e sem sabor, exigindo as mais ridiculas regras de grammatica, deixando á parte a imaginação, o colorido, a luz e o realce magestoso da formosura, a esquecer-se de que a unidade da lingua, entre nós, é uma questão aberta de ha muito, não se encontrando do Amazonas ao Prata dois philologos da mesma opinião. O proprio Ruy Barbosa com todo o seu poder de talento e sabedoria teve de pagar, tambem, pesado tributo á critica antes de partir para a Eternidade. Alguns cirurgiões da literatura acharam que Ruy Barbosa não sabia bem grammatica... como elles, talvez... nem collocar uma virgula em regra.

Não será surpresa para mim soffrer as censuras cruéis da critica neste particular. Consolo-me com o exemplo do glorioso mestre immortal.

O artista em nosso paiz tem de viver preparado para diversas luctas. Dispondo de uma natureza generosa de luz e cor, fertil de inspirações, tem, entretanto, de supportar, entre outros fragellos, os ataques da critica, na sua maior parte, inconsciente e cego e a repulção do espirito retrogrado e rude da burguezia.

Nação nova para onde se deslocam pesadas correntes immigratorias, compostas de espiritos incultos, fechados para a belleza intellectual, o Brasil continúa recebendo a influencia triste desse cruzamento infeliz, num ambiente envenenado e pervertido de ambição sem

termo pelo oiro e menospreso por tudo que não tenha brilho palpavel...

Os espiritos de elite vivem, pois, olvidados, desprezados e até espesinhados pela burguezia rustica e seus descendentes, sempre herdeiros das mesmas fortunas doiradas e dos mesmos espiritos negros e egoistas que só reconhecem na Natureza a vida material rasteira,—os prazeres do estomago e dos vicios; ou ainda são combatidos e preteridos, no campo lodoso da baixa politica, que não raro troca um cerebro de sol palpitante por um de pedra subserviente, desfibrado e frio.

Os verdadeiros artistas teem, ainda, de soffrer no seu proprio meio os resultados da desunião eterna dos "officiaes do mesmo officio", de fôrma que, sob as attribuições duma guerra interna e de outra exterior até hoje se não conseguiu e jamais se conseguirá, assim, uma defesa permanente da gloria da vida que está na victoria sagrada da Belleza!...

E' sabido que, entre nós, principalmente, os artistas vivem numa lucta surda de rivalidades e despeitos, invejando-se ou odiando-se mutuamente; uns por não possuir a milagrosa chamma que seduziu Prometheu á escalada dos dominios de Zeus; outros por se julgarem semi-deuses, dispondo de farta mesa, embora com pouca luz, a tentar, com imposições de imprensa amiga e permutas de elogios, impor a mediocridade vã, ingenuos, num cabotinismo sem razão, olhando com soberbia os legitimos sacerdotes de Apollo, do 10º andar dum orgulho descabido e fragil como torre de fumaça, capaz de se desbaratar ao primeiro sopro dum talento.

O artista para viver tem, então, que se insular como monge no silencio carinhoso da sua religião, distante do

labyrintho falso das intrigas e maldades, tecido nas rodinhas de livrarias e cafés, nada commentando, não emittindo nenhuma opinião, recolhido e quieto numa neutralidade muda de Esphinge, se não quizer arrastar uma espinhosa cauda de injurias e perversidades de toda especie.

A poesia, actualmente, é uma das artes mais sacrificadas e desprezadas, o que se não póde explicar em nosso paiz, cuja formosura, cuja magestade sumptuosa de sua natureza é um poema bizarro onde as harmonias, as cores e as luzes se confundem e se desdobram variantes num kaleidoscopio inexgotavel de maravilhas exquisitas.

Todas as nações, onde a civilisação já chegou á sua forma mais requintada, amam a Poesia com sagrada veneração.

Entre ellas se notam a Italia, a Allemanha, a França, a Inglaterra — as fontes mais preciosas do progresso e do saber humanos, e que se celebrisaram mais pela nomeada dos seus poetas gloriosos, do que por vastas conquistas e victoriosas guerras que banharam continentes inteiros com o sangue de gerações successivas de heroes.

No Brasil os poetas são ainda tidos, apenas, como phantasistas, bohemios ou seres doentios. Ha quem os tome por loucos, maniacos ou chloroticos, imprestaveis, inuteis para a humanidade...

Não sabem, talvez, os que assim pensam, que, os nossos maiores estadistas, juristas, diplomatas e valerosos cabos de guerra foram poetas e que, ainda, nos ultimos tempos temos tido na vanguarda dos destinos nacionaes personalidades eminentes que manejam a

lyra, se bem que não divulguem as suas composições, receiosos, por certo, das más vistas dos burguezes e ignorantões que representam assombrosamente o contrapeso do analphabetismo nacional!...

Ao contrario do que se julga, os poetas são almas accessiveis a todas as formas do Bem, porque a Poesia por si os conduz e os anima para a magnanimidade, para o progresso, para a bellezã suprema.

Ninguém mais do que os poetas são aptos para todos os levantamentos, para todas as construcções solennes no seio da humanidade.

— Quem poderá dispôr de mais ricas jazidas de imaginação do que um sonhador perenne ? !

— Quem poderá ter mais candidez e altruismo do que um amante natural de tudo que sorri, canta e fulgura ? !...

Temos o exemplo do venturoso imperador-poeta, cujo governo foi uma exposição doutrinaria e excelsa de democracia e amor patriótico.

A poesia, longe de ser incompativel com o trabalho e o progresso, é, talvez, o maior influidor, é o maior vehiculo da actividade humana,—nas reformas sociaes, nas creações benemeritas, nas redempções do espirito... Em todas as épocas ella apparece como uma fada milagrosa, transformando, architectando colossos, deslumbrando, encantando.

Já a Historia nos conta de Alexandre, que, succedendo a seu pae Philipe, da Macedonia, nas formidaveis conquistas levantinas, com uma alma rubra de poeta olympico se fazia acompanhar nas campanhas, da "Ilíada", de Homero, para que mandou fazer capas de oiro e pedrarias, recitando-a nas vespersas das batalhas

como um livro de orações generosas, e dormindo com tão sublime poesia no seu leito purpurino de capitão e semi-deus. E por isso as cidades gregas, submettidas ao seu alfange, só tiveram lucros, porque o seu espirito purificado e afinado, aos accóordes das harmonias heroicas, distribuia o Bem, praticava a sã justiça e animava o progresso.

E' preciso que saibam os adversarios da Poesia que os maiores homens do mundo teem sido e são poetas.

Ainda scintillam na treva dos seculos os antepassados poetas triumphantes como planetas eternos irradiando belleza viva.

Entre outros se destacam os mais legitimos representantes de Deus na Terra, as figuras mais divinas da humanidade: Christo, Salomão, Confucio, Platão, Zoroastro, Dante, Milton, Camões, Shakespeare, Byron, Voltaire, Victor Hugo, Goethe, Wagner, Guerra Junqueiro, Gonçalves Dias, Castro Alves, Bilac, Vicente de Carvalho, etc. e guerreiros reformadores que tiveram, depois de semeiar preciosos beneficios, as honrarias sagradas de deuses, como Mahomet dos turcos e Odin que, abalando com os seus doze pares fiéis das costas aridas do Mar Negro, trouxe seu povo soffredor para uma fertil Chanaan do norte da Europa, creando a poesia, e diffundindo-a no seio da Scandinavia inteira, como principio de todo o Bem e da gloria terrena.

Ninguém mais do que os poetas podem interpretar e desempenhar os mais sublimes papeis no mundo.

Segundo o genial Carlyle, na sua doce philosophia clarividente, ninguém é mais digno e mais apto para todas as grandezas do que os creadores dos pensamentos musicaes, pois que nas suas alma tudo se purifica

como num crisol mysterioso. E elle diz: — A musical thought is one spoken by a mind that has penetrated into the inmost heart of the thing.....e mais além: — All deep things are song. It seems somehow the very central essence of us, Song; as if all the rest were but wrappages and hulls!... The primal element of us, of us, of us; of us and of all things. E ainda tratando dos pensamentos musicaes fala o celebre pensador: — The poet is who thinks in that menner. At bottom it turns still on power of intellect.

Para ser superior e bom é necessario ser sincero; e nenhuma arte é mais fiél e exigente do que a Poesia que é a exposição da alma nua. Isto é que faz do poeta o verdadeiro humano:

— it is man's sincerity and depth of vision that makes him a poet.

Ella é, sobretudo, não só o astro irradiador da belleza como, tambem, da sabedoria — a mestra legendaria e magnanima, e de cujos dons milagrosos já falava, com respeito, Boileau:

*En mille écrits fameux la sagesse tracée
Fut, a l'aide des vers, aux mortels annoncée;
Et partout des esprits ses preceptes vainqueurs,
Introduits par l'oreille, entrèrent dans les coeur.*

Para olvidar a Poesia é preciso primeiramente negar Deus, e mesmo a Sciencia, olvidar todos os gestos triumphantes do Supremo Artista, porque em qualquer dos seus actos gloriosos resalta o resplendor e a magestade da belleza sonora. E canta o mar, canta o vento, cantam as fontes, cantam as aves... Todo o Genezis é

uma poesia épica harmoniosa, de alta pompa solenne e candida.

Ella palpita vibrante em todo o concerto magistral dos 7 Dias. Ella existe em todo o bem e mesmo no mal, em todas as formas da virtude e do peccado. E' a mais humana das artes.

— O primeiro beijo de Eva sonorizou pelo Eden entre murmurios perfumados de amor, como a primeira nota do poema da Vida, da opera da Creação!...

— Ah! é o peccado sagrado pela Poesia.

Sómente a grande arte espontanea e nobre é adorada e eterna.

Os falsos apóstolos de Apollo jamais conseguem um louvor sincero para as suas obras, embora para isso se dispendam largas sommas em reclamos ruidosos.

A consciencia nunca se deixa conquistar voluntariamente. E' como a confiança na selecção natural do merecimento.

A belleza real commove, emociona, agita a alma e deslumbra a vista mesmo dos que não tenham a menor intuição ou noção de esthetica, e até mesmo dos cegos de espirito que teem olhos e fingem não ver...

A arte natural e pura é como o diamante, não se mancha por cahir no lodo. Ella resurge, scintillante e clara depois de chafurdada na mais negra e perversa critica.

A arte falsa ou a arte libertina e frivola é como uma messalina decahida, velha e feia que se vale dum laboratorio de tintas indiscretas para disfarçar a sua infelicidade e seduzir os incautos aos primeiros sorrisos lubricos estudados.

Gregorio Fonseca foi feliz no seguinte conceito externado numa de suas lindas conferencias:

— “A arte é uma profissão de eleitos: só depois de uma selecção natural, em que os fracos e os mediores se annullam, prevalecem, no tempo, em reduzido numero, os predestinados, unicos que attingem á honra suprema de artistas.”

Esses não precisam passar noites a fio entre florestas de dictionarios, á caça meticulosa de vocabulos exquisitos, ou a engendrar phrases licenciosas e picantes que, afinal de contas, só podem agradar aos espiritos viciados ou tolos dos recrutas do mundo que não conhecem o artificio fragil da arte sensual debochada.

A literatura contemporanea vem irradiando pelo mundo inteiro um sensualismo baixo e repellente como um gulf stream escaldante e perigoso.

Parece que a Arte definhada por successivas procreações, exgotada por excessos de trabalhos seculares, cahe sugeita a todas as vontades, a todos os caprichos futeis. E' uma doente e é uma revoltada como essas virgens de 40 annos que outróra fascinavam os salões palacianos com a estrella da sua graça donairoza e formosura e que, comtudo, não encontrando a suprema felicidade social que as mulheres sonham num loiro matrimonio, se atiram ás liberdades do lupanar, frias e hypocritas, ruminando um odio silencioso.

O meu livro, como verão os leitores, afasta-se o mais possivel desses moldes da literatura que faz corar os frades de pedra e exaltar os apostolos de Pan.

Não quero com isso julgar-me um Catão, nem proclamar a minha musa como um anjo transparente de ternura e castidade, mesmo porque já se foi com os

ultimos trovadores da divina Veneza dos Doges e dos apaixonados da Cavallaria, a suprema belleza nobre da vida, a essencia da arte régia e sagrada — o Romantismo!...

O seculo neurasthenico, ambicioso e indiscreto da tele-photographia, do dirigivel e do radio, dos Srs. Edison, Santos Dumont e Madame Curie, quer tudo nú, tudo material e utilitario. Que fiquem, então, sómente na mecanica e na sciencia esses desejos materiaes e esclarecedores.

No Amor e na Arte é da maior necessidade o peplum encantador, "o manto diaphano da phantasia" e da meiguice suave do romantismo velador.

O materialismo, sacia, cança, aborrece, desanima...

E ai do mundo, do ingrato Valle de Lagrimas, se Apollo e Cupido fundissem as suas almas idealistas e harmoniosas, na de Sileno material e interesseiro, tão sómente!...

A humanidade passaria para o Reino Zoologico.

E só um desejo deveria permanecer latente e doloroso:

— O suicidio universal!...

Rio — 924.

SILVEIRA DE MENEZES.



Cabaredas do Sol



ILLUSTRAÇÃO DE ———
M. CONSTANTINO
Da Escola Nacional de Bellas Artes

LABAREDAS

SENTIMOS dentro em nós, num suave sacrificio,
Labaredas sublimes, voluptuosas,
De luz vermelha e ardente,
Sem artifício,

— As labaredas das paixões gloriosas,
Da esperança, da fé e do ciúme,
Do odio, da luxuria, do peccado,
Que agitam febrilmente os corações,
Põem o espirito alerta e encandeado,
Brilhando como num crisol
Que martyriza e santifica,

— Labaredas do Amor — Labaredas do Sol!

Ha, tambem, chammas anemicas,
Azuladas, sem brilho, sem calor;
— As labaredas das desesperanças,
E da saudade... e da melancolia...

De luz enferma desmaiada e crua
Que as almas enlanguedece e anesthesia,

— Labaredas da Dor — Labaredas da Lua!...



Dentro dos craneos magistraes dos genios,
Entre as chammas de angustias e chimeras,
Entre as flammis subtis do pensamento
Bailam idéas, como salamandras,
Illuminando as mais nocturnas éras,
Consagrando os millenios,
Presidindo ás idades e ao destino
Como os cometas e as constellações,
E incendiando o casulo dos mysterios
Como os beijos de braza dos coriscos,
Como os fachos solennes dos vulcões!...

A labareda ha de triumphar eternamente
No seio do Universo,
Porque andou na bocca exul do Omnipotente,
No concerto auroral dos 7 Dias,
Fez do Caucaso vil o primeiro Calvario
De soffrimentos e de phantasias,
De inéditas torturas e de gloria,
E a vida suspendeu...
E andou revoando e espánejando a Treva,
Como bandeira rubra de victoria,
Pelos braços febris de Prometheu!...



O SOL

ESPANADOR dos pélagos profundos,
Pia lustral de todos os poetas.
Repucho de topazio sobre os mundos.

Chuveiro de oiro. Manancial divino.
Pharol em torno o qual giram secretas
As mil phalenas tontas do Destino!

Facho da luz da Bemaventurança.
Fonte do fogo mais sagrado e infindo!
— Vulcão do Amor, da Fé e da Esperança!

Crisol do mundo. Ara no céu erguida.
— Fogueira em cujas flammæ bailam, rindo,
As salamandras lubricas da Vida!...

PROMETHEU

El Coro de las Oceánidas

¿Los Efimeros poseen ahora el Fuego llameante?

Prometeo

Por él conocerán artes numerosas.

El Coro de las Oceánidas

¿I por tales crímenes te atormenta Zeus,
sin que le conmuevan tus males?

.....

Prometeo

.....Io nada de esto ignoraba.
Guise y supe lo que queria. No he
de negarlo. Al salvar á los hombres,
concitaba sobre mi tales miserias...

Prometeo encadenado—Esquilo—(Trad. esp.)

 o heroe que havia, então, livre e ambicioso
Escalado os dominios reaes de Zeus,
E derramado chammass nos espaços,
Na conquista do Bem para os humanos,
Clama preso no Caucasos horroroso;
As cadeias cruéis sangram-lhe os braços,
A aguia feroz destroe-lhe o bronzeo peito,

Mas a alma vôa aos fulgidos arcanos
Da Gloria que corôa o rubro feito.

As romanticas oceánidas piedosas
Tentam destruir o impavido rochedo,
E em procissão desfiam, dolorosas,
Mil lagrimas de opalas iriadas
Aos pés do soberano prisioneiro.
E as estrellas, tambem, apaixonadas,
Lembram-se delle que conhecem muito
Como bello e audacioso aventureiro,
Desde a façanha da invasão do Olympo,
E ao vel-o agora torturado e afflicto
Choram vivas lagrimas de diamante,
Sobre a sua cabeça harmoniosa
Estonteada dos sonhos do Infinito!

Na Terra o audaz artista redemptor
E' um malfadado e heroico Prometheu,
— Depois de conquistar no céu da phantasia
A chamma generosa da Belleza,
Atravez da amplidão atroz da Dor,
Encontra a rocha negra da maldade
E uma ave de rapina noite e dia,
Tonta de inveja e de odios inconscientes,
Numa infeliz tarefa merencoria
A estrangular-lhe os sonhos innocentes,
A devorar-lhe o victorioso peito,
— Sem, comtudo, poder roubar-lhe a gloria!...

ARA

SIS-ME aqui na ara da arte,
No bello e milagroso sacrificio,
Em homenagem pagã ao deus Apollo
E a ti, a causadora dos meus prantos,
O' deusa muda de olhos mysteriosos!...
— Pelas amarguras que te devo
Por terem vindo me ensinar os cantos
Que aqui compuz para glorificar-te!

Arde-me o cerebro em poentes tristes
E em sonoras alvoradas ledas
E o soffrego, inflammado coração
Despetala-se em fulvas labaredas
Como a rosa de fogo dum vulcão!

Vou soffrendo o candente sacrificio,
Como santo sorrindo na fogueira,
De dores e de crenças, areolado,
Neste amor que atormenta mas não cança,
E que pode durar a vida inteira!...
Comtanto que assim viva consolado
Pelos teus olhos meigos portadores
De bizarra esperança.

— Ara de amor, de sonhos e de maguas,
O teu amor abriu-se para mim,
Martyrisando sempre e consagrando,
Seja, portanto, eternamente assim:
Teu rubro coração—torre illusoria,
Meu doloroso altar de sacrificio
E throno de rubim da minha gloria!...



NAS ALTURAS

 glorioso viver no pincaro dos montes,
Bem distante da Dor, vendo as nuvens de rastros,
A aguia ruiva do sol que sangra os horizontes,
E a noite como um deus que resuscita os astros.

Em baixo o mar festivo e as ondas voluptuosas
Como escravas bailando em frente a um throno de arte;
E as velas a tremer ás brisas carinhosas,
Dos risos de quem vem, dos prantos de quem parte...

Entre as aguias, feliz, vestido de neblinas,
Na audiencia real do Rei dos Universos,
Moysés pediu por nós as coisas mais divinas.

Onde a aurora suspende a coroa do Dia,
E onde eu faço de estrella a escada dos meus versos
Para fugir do Mundo e da Melancolia!...

TERRA MARANHENSE

 ANHÃ. Sob um docél de damasco e lavores
Accordam serra e valle e praias e campinas,
E desde a pedra rude ás flores mais franzinas,
Tudo sorri ao sol de magicos fulgores.

Sob os beijos da luz, as arvores em flores
Levantam-se da terra e as fontes crystallinas
Vão brincando e cantando umas canções divinas
E ensinando a cantar ás aves e aos pastores.

E a lua que a velar passeia delirando
Nas noites de carinho e de saudades cheias,
As coisas naturaes domina, observando...

Depois, no alegre mar de lendas e sereias,
Indiscreta, a sorrir, do céu fica espalhando
Os segredos de amor que ouviu pelas aldeias.

A SERRA DOS CHRYSTAES (*)

O goyano sertão, de aurea terra que espelha,
Erguendo-se a romper os véus celestiaes,
Batalha contra o sol dos tempos estivaes,
Uma serra que em brilho a um astro se assemelha.

E' um duello de soes, é uma luta vermelha:
— Descem rubros farpões provocando os crystaes,
E a serra affronta o sol, em delirios brutaes,
A espedaçar-lhe, então, centelha por centelha.

A' tarde, elle, vencido, entre nuvens fallece
E ella heroica, sorrindo, em torres de faianças,
Maurithania cidade, ao longe, nos parece.

E as arvores em flor, sob as torres moiriscas,
Ao vento descantando, em serpentinas danças,
Tomam formas febris de lindas odaliscas.

(*) Esta serra que é uma grande mina de crystaes de rocha, nasce entre areias monasticas e acha-se situada ao norte do Estado de Goyaz, proximo a fronteira maranhense. Os filhos da região a denominam por "Serra dos Crystaes".

OLHOS MYSTERIOSOS

UANTAS vezes minha alma os teus olhos procura
Como a nave procura entre a noite e a procella,
Brandos seios de praia, outras asas de vela,
Ou riso de pharol na immensidade escura.

Entretanto, o meu ser a fugir se esphacela,
Se os vejo por milagre em transes de loucura,
Eis que em torno de mim tudo se transfigura,
E eu não pude entender, ainda, os olhos della!...

Se Archimédes luctou por desnudar problemas,
Que havia eu de fazer para entender as almas
Dos seus olhos que são duas nocturnas gemmas ? !

— Negros cilios em noite eterna hão de escondel-as
E eu tinha de morrer sem glorias e sem palmas
Como sapo infeliz interrogando estrellas!...

SYMPHONIA DE AMOR

COMO seria venturoso amar,
Eternamente, assim:
— Contemplativo e quieto, em frente ao mar,
Numa praia macia, de setim.

Ouvindo reboar, nervosamente,
Uma symphonia latente
De gargalhadas e canções, sem fim.
E vendo loiras vagas inconstantes
Suspender mil palacios cambiantes,
Languidas torres gothicas, de rendas,
— Castellos singulares e risonhos,
Bellos, como os das biblias e das lendas
E magicos, assim, como os dos sonhos!...

Viver... viver, serenamente, amando,
Em frente ao mar rebelde e cancioneiro.
Embora ouvindo sons angustiados,
Dum queixume de eterno captiveiro
A amortalhar o coração das aguas,
Como se fosse, triste, desfilando
Por desertos, sem fins, desconhecidos,
— A langorosa procissão das maguas
Sob a penumbra roxa dos gemidos.

Viver, longe de tudo e junto ao mar,
Coberto de soluços e de risos,
E aprendendo a amar
Neste céu verde de florões e frizos.
Sentindo o coração divinizado
Sobre as alfombras mornas de setim
Num sonho eterno, deslumbrante, enfim:
— Qual Endymião da lua enamorado.

Em frente ao mar!...
Em frente a porta aberta para as glórias
E para as esperanças e segredos.
A contemplar as vagas merencorias
Beijando os lábios mudos dos rochedos...

O nosso amor devia ser assim:
— Muito além dessa vida amargurada,
No reino das espumas e das ondas,
No berço da chimera e da alvorada,
No paiz da gaivota e do golphim,
Da perola e das magicas golcondas.
— O céu faustoso, amigo e soberano
Despetalaria auroras e luars
Sobre as nossas cabeças
E as revoltosas fronte desses mares...

Pelas tardes sangrentas de verão,
Gosava-se a tragedia do poente:
— O sol — incendiado coração

A palpar agonizantemente
Sobre damascos rubros e violetas.
E ás noites de saudades e ternuras,
Levados pelos sonhos generosos
Nós iamos, também, participar
Da lyrica assembléa dos planetas,
Na santa liberdade das alturas,
Presidida pela deusa do luar.
E ver, pelo infinito do oceano,
Desoladas estrellas, outros soes,
Talvez cumprindo algum fadario insano:
— As tresnoitadas, tremulas e frias,
Sentinellas perdidas — os pharoes!...
Os symbolos fataes das nostalgias.

Devia ser assim...

Suavemente e gloriosamente

O nosso amor, sem fim!...

Bem junto ao mar alegre e inconsciente,

— Velho palhaço, bebedo arlequim.

— Nós dois sentados nos colchins da areia,

Ao sol, á treva ou sob a lua-cheia,

Erguendo, na alma aberta de vertigens,

Apotheóses de chimeras virgens,

Visões de opalas, vivas, deslumbradas,

Castellos magistraes, como os das ondas,

— Mil Torres de Babel de espumas e balladas.

Glaucos castellos fulgidos, risonhos,
De musicas, de lyrios e de rendas,
Gloriosos, assim, como os das lendas
E insulados da Dor, como os dos sonhos!...



GARÇAS

ALVAS garças, ingenuas, nebulosas,
Espaço fóra em languidas revoadas.
Manhãs cedo, eil-as, tremulas, nervosas,
Procurando no mar as alvoradas.

E quando, em negras ondas revoltosas,
Pescadores teem arcas naufragadas,
Ellas — pombas d'Alliança, esperançosas,
Dão-lhes novas de terras almejadas.

Niveas garças — emblemas da Concordia !
Asas cantando sob um céu lilaz :
— Bandeiras brancas de misericordia !

— Nunca devia um caçador audaz
Assassinar tão brancas creaturas,
Tão brancas que por si já pedem paz !...

DENTRO DA VINHA

VISITAE o vinhedo em doirada manhã.
Lá a vida é ridente e ha divinos enleios:
— Às musicas do vento, embriagada e pagã,
Baila, rindo, a parreira, em lascivos meneios.

Sob a luz, que enverniza a paysagem louçã,
Ha delirios de Baccho e loucos zingarreios
— O magico flautim vibrando, a alma de Pan
Será, talvez, em rubros devaneios?

Zenith! A espreguiçar, a parreira viçosa,
Em virtigens, machuca o verde manto, assim
Qual moça cortezã hysterica e formosa,

E os seus fructos de sangue, os cachos bem parecem
Incendiados de amor, uns seios de rubim,
Que aos mil beijos do sol, trementes, se offerecem.

OS GREGOS

SMPELLIR ao progresso as artes e as sciencias,
Combatendo o furor da avalanche atrevida,
Do barbaro tropel que em louca impertinencia
Tentava aniquillar toda a gloria da vida,

Foi para a gente grega ungida de clemencia,
A divina missão que deram por cumprida
Logrando descansar com deuses na eminencia
Do Olympo — exul morada aos heroes promettida.

Favoritos de Zeus e filhos de pelasgos,
A esmola do perdão e do saber immenso
Davam sempre ao vencido, em generosos rasgos.

E cantando a victoria ante as graças de Céres
Festejavam deus Pan entre as lyras e o incenso
E a ambrosia de amor dos labios das mulheres !...

OUVINDO UMA ARTISTA

SPALHA-SE no ambiente um philtro crystallino
Que seduz e nos leva a loiros paraísos.
As almas encrespando em melindrosos frisos,
Tremem asas de lyra e um sereno violino.

A aguia rubra do amor e o abutre peregrino
De uma velha saudade, em golpes indecisos,
Desatam corações de soluços e risos,
Rasgam noites de dor, sob um poder divino!

E as lagrimas, então, como estrellas cadentes,
Rolam rindo e beijando as faces padecentes,
E ouvem tudo, tambem, até morrer, por fim...

O amphitheatro da Gloria abre num sonho mudo,
Bailam, dentro de nós, esperanças de tudo
E o desejo pagão de ser artista assim!...

PARASITA

HONTEM sonhei que a tua casa humilde
Era um castello heroico de belleza,
Encortinado por um sol de rendas
E florido por toda a natureza!...

Então, na maravilha desse templo,
Tu eras feiticeira divindade
Em triumpho pagão de sonho antigo,
Sob a gloria do amor e da piedade.

E eu era um venturoso parasita,
Que rolava entre sedas e refolhos;
Meu coração dormia nos teus seios,
Os meus olhos moravam nos teus olhos!

O meu ser, todo o teu ser absorvia
E os meus labios saciavam sede louca,
Sugando a rubra seiva dos teus labios
— Vivendo dessa vida da tua bocca!...

SYMPHONIA DAS SELVAS

UDO é sonoro nos sertões ingentes:
Canções de brizas, soluçar de fraguas,
— A pedra bruta estrangulando as aguas,
As delicadas formas das correntes.

Féras rugem de amor e maguas cruas,
Treme o subtil insecto murmurante,
E a serpente coleando as formas nuas
Agita no ar a cauda chocalhante.

Choram pelos baixios, almas boas
De sapos e de frias rãs doentes,
Interpretando as almas innocentes
De aguas tantalisadas nas lagoas.

Coisas de amor, ao vento, as folhas contam,
E as cidades dos ninhos estremecem
Glorificando as flores que fallecem
Para dar vida aos fructos que despontam.

A SÊCCA

chegado o verão e a sêcca ardente e crua,
Espalhando o terror, como genio do mal,
Vai sobre a natureza e ao calor insinúa,
A matar o arvoredos e extinguir a caudal.

Na floresta cinzenta, esqueletica e nua
Cabriola, a gemer, um vento perennal.
E, solenne, a rugir, carpindo a magua sua,
Contra a sêde blasphema o arrogante chacal.

Mil fendas o calor recorta nas estradas,
Que parecem, pedindo agua aos céus, com fervor,
Boccas, em phrenesis de morte, escancaradas.

E ás tardes, loucamente, e bebedos de dor
Os bois rezam chorando, além, nas esplanadas,
A pedir ao deus Sol que abrande o seu furor!

SONHO DE ODIO E DE VIGANÇA

HA pouco tive um sonho assim,
O' bello amor ingrato,
— Sonhei que era um tyranno poderoso,
Meio dono do mundo,

Principe de muitas terras,
Senhor de muitas vidas...
E tão calmo e cruel qual tyranno chinez,
Cujo prazer galhardo e heroico
Era andar irritando o mar com esquadras
E ver os horizontes das fronteiras
Lampejando de lanças aggressivas
Como cartas immensas de alfinetes!...

E tu eras, então, soberba e moça,
Minha galante escrava favorita,
De alvas formas pagãs que pareciam
De velludo do luar e volupia da espuma.

Uma vez, por um teu desdem como esse,
Por uma criminosa ingratidão,
Sentado no meu throno de oiro e purpura,
— Vaidoso como um pavão,

— Barbaro como um abutre,
Ordenei teu sacrificio em frente a mim
Que tanto te adorava... e tanto te beijava!...

— Os carrascos negros, de olhos igneos,
Quaes leopardos bronzeos, inconscientes,
Cortaram allucinados de prazer
Tuas mãos transparentes de aquarella,
Como se estivessem infantilmente
— Degollando verbenas de pellucia,
— Partindo porcellanas de Copenhague...

Bem ouvia os teus gritos e gemidos
Finos como estilletes
Tentando despertar-me a consciencia,
Mas eu pairava anesthesiado e mudo
Numa febre exquesita
Entre odios e amor, entre gosos e lagrimas.

Mandei depois cortar teus seios doces
— Pudins feitos de lyrios e de leite
E duas gottas rubras de groselha;
E mandei atirar aos pombos reaes
Tal divina comida
Que devoraram com os bicos de rubim
Famintos de novidades!...
Arrancaram, tambem, a meia-lua,
O crescente de alvos dentes
Do céu de sensações da tua bocca,

Para craval-o no meu sceptro altivo,
Agitado de diamantes.

Teus ais eram mais lugubres que a morte
E feriam, talvez, bem mais perversos
Do que a minha vingança...
Tudo tremia em mim, de comoção,
Mas meu odio era mais forte que a piedade
Por ser filho do orgulho e da paixão.

Meu coração cambaleava embriagado
Num festim interior de lubricas maldades!
Pelo meu rosto esqualido corriam
Mil sorrisos sinistros de corisco.
E gosava eu muito mais em ver-te assim
Lentamente despetalada,
Do que se me sentisse num céu turco,
Do que amando, talvez, um paraíso de huris!...

Deceparam teus braços serpentinos
Que tanto me abraçaram e acariciaram...
E extrahiram teus olhos feiticeiros,
Que serviriam para talismans.

Mandei tirar-te o coração inteiro
Para fazer a urna, o cofre eterno,
Do cadaver real do nosso amor.
E, então, quando te olhei tão deformada
Como idolo terrível do Oriente,

Fiz levantar, além, uma ara enorme
De ebano polido,
— Pesada como a dor, negra como o remorso,
E lá mandei queimar-te, enfim, purificar-te...

Rosarios alados, murmurantes,
De pombos leves, brancos de mysterio,
Como retalhos languidos de nuvem
Descreviam gothicas choreographias,
Solennes, cadenciadas danças funebres,
Em volta do macabro altar.
E quando, após, viraste uma rosa de fogo,
Eu, louco, apaixonado...
Numa clamyde fulva de damasco,
Coroadado de aglaias,
Fui deitar-me contigo eternamente,
Fundir-me em tuas suaves labaredas.

A tarde se fechava e no horizonte,
Rolavam por detraz das cordilheiras
As torres de granada do poente;
A papoila do sol emurchecia...
As brizas deliravam pelo parque,
Hystericas, medrosas, dolorosas...
E o crepusculo macio
De velludo violeta
Cahia em frente da ara, silencioso,
Como panno de bocca immenso e triste
Do theatro do Mundo...

O RUBIM

EM diadema de côrte, ou num sceptro bordado,
Ostentando um rubor de guerreira visão
Esbrazeia o rubim — fogo petrificado,
Como a noite, no céu, viva constellação.

E' difficil de crêr que este pétreo clarão
Seja fibra da terra onde esteve encantado,
Mas, perdidos, sangrando em muita nivea mão,
Ha pedaços do Oriente — o velho mutilado.

Talvez seja nos céus a pedra preferida,
Porque dizem que vem da jazida sagrada
Esse ardente rubim que se encontra na vida,

No estojo singular do alvo peito materno,
— Rubim que o amor lapida e a morte, fascinada.
Rouba e vai escondel-o em negro cofre eterno.

A ROSA DO EQUADOR

UANDO ella nasceu, pelo verão,
Exquisita, vivaz e pequenina,
Como um simples brinquedo do Japão,
Presagiando-lhe a mais ditosa sina,
O sol brilhava glorificador.
E ante o seu meigo rosto nacarado,
Todo o mundo dizia admirado:
— Mas parece uma rosa do Equador!...

E foi, assim, crescendo deslumbrada,
Como as auroras fulgidas de Agosto;
Entretanto, inimiga da alvorada,
Ella invejava a pallidez da lua,
E a lua tinha inveja do seu rosto!...

Quando, ás vezes, sahia pela rua,
Espalhando belleza e mocidade,
Vermelha, encarminada de pudor,
Ella toda nervosa, então, sorria
E, mais nervosa, a multidão dizia:
— Lá vai passando a Rosa do Equador!...

Até que, numa tarde friorenta,
Fugindo do seu throno azul do monte,
O sol dobrou a esquina do horizonte,
Vestido numa clamyde cinzenta,
E desappareceu a linda flor!...

— E' que naquella terra luminosa,
Por ciumes, talvez, do Creador,
Cahira grande inverno carregado
De tristezas, de frio e de paixão...
Extinguiram-se as plantas de verão
E o sol mudava, assim, para outro lado,
A fortuna da luz e do calor,
E levava nos braços de centelha,
A alma virgem daquella flor vermelha:
— O perfume da Rosa do Equador!...



O BAILE

 baile exulta, encanta e vivifica!
O baile é um sonho real de ether e de opio:
— A musica, as mulheres, os perfumes,
Combinam-se, transformam-se illudindo,
Num jogo dubio de kaleidoscopio.
A alma revoa, o coração sorri,
Desatam-se os desejos nos bailados
Como os sons generosos que dão vida.
Na confusão sonora dos salões,
Rola um cháos de felizes allucinados;
Só os olhares e os desejos se comprehendem.
Nos seios virgens de dor,
Sagrados de illusões,
Embalsamados de sandalo e de almiscar,
Baila do amor o verde fogo-fatuo.
Rolam mentiras doces dos violinos
Como da caixa de musica de coral
Da bocca das mulheres,
Sensível e mysteriosa,
Desfeita em symphonias magistraes.
Como uma revoada harmoniosa
De abelhas leves, de malacacheta.

A luz, lascivamente, dá vertigens,
Beijando as faces frias dos crystaes,
E os candelabros riem bebidos e esquivos
Aos fulvos beijos vagos das centelhas.

Os salões mostram rindo, em primaveras,
Scenarios paradisiacos.

Dançam n'alma theorias de chimeras.
Ha uma ardente loucura em cada baile,
E magicos incendios de paixões.

Tem-se vontade de morrer dançando.

— Morria-se sagrado de perdões!...

A vida é leve quando a gente dança...

Ai se no Outro Mundo houvesse baile!...

Da Morte, então, ninguem teria medo,

A Morte até seria festejada.

Como seria bom morrer mais cedo!...

— Comtigo iria, ó minha bella amada,
Num esquite de seda e de aurea franja,
Qual palanquim de principes orientaes,
Eu vestido de negro e tu de branco,
Diademada de flores de laranja.

Hontem, no baile, como estavas linda,

Toda vestida de escarlata vivo...

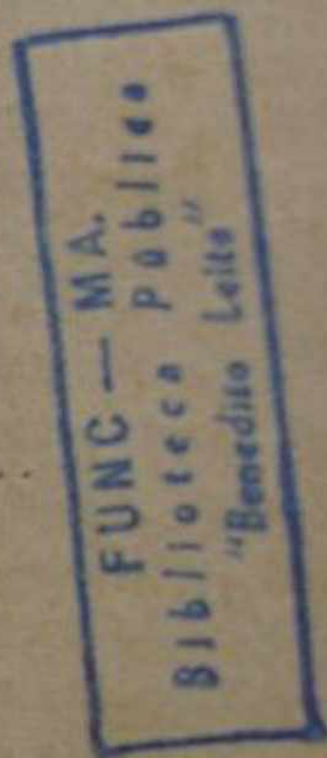
Brilhavas como a luz do meio-dia,

Estonteado lembro-me, ainda...

Todos os olhares te buscavam

Mas, como eras uma, tão sómente,

Cincoenta espelhos te multiplicavam!



E tu pompeavas seductoramente
Como um sorriso principesco e luminoso
Do pincel de Chabas,
As tuas brandas linhas fugitivas
Tinham rhythmos leves de onda mansa.
Os teus olhos voluveis, cor de opala,
Vacillavam magneticos, attrahindo,
Qual novidade de joalheria,
Em tua aurea cabeça pequenina,
De Apollo criança.

— Eras a dança, o amor e a symphonia!
Como dansámos, deslumbrados, allucinados,
Quaes phalenas tontas de volupia...
No turbilhão nervoso da harmonia
Tu, toda de encarnado e soberana
— Parecias um grito de triumpho!...
— Parecias a Gloria das batalhas!...
E aos colleios caprichosos do teu corpo
De alto-relevo pompeiano,
Unido como uma era ás formas tuas,
Sentindo o teu calor de mocidade,
No Zenith da idade,
Eu sonhava trememente que morria
Numa singular tragedia leda,
Num incendio auroral de phantasia,
Cantando, delirando e revoando
— Todo abraçado numa labareda!...

SOLENNE PARTIDA

ELLA viera do Sul, passear, um dia,
Tinha a belleza errante de zagalla;
Foi tão curta entre nós sua estadia
Que pouca gente ponde namoral-a!...

Encontrei-a num baile á phantasia,
Provocando loucura em toda a sala;
E um candelabro tonto lhe sorria,
Os espelhos queriam disputal-a!...

Mas a festa acabou-se... ella ia embora...
Balbuciou-me um adeus de violino
E sahiu abraçada com a aurora...

E o sol que despertava para vel-as,
Levou-a no seu carro peregrino,
Escoltado de exercitos de estrellas!...

Tentando os castos lyrios religiosos
Que rezam para a lua debruçados
Nos lagos insensíveis de setim
Onde régia cegonha ficou velha
E muda de pensar
Na sua hereditaria nostalgia,
Leve como a neblina,
Triste como a água fria!...
Alli as crianças pallidas brincando
Saltam como marionetes de cera.
Passa, altiva, no prado a liteira dum nobre
Carregada por timida parelha
De servos magros de correr.
Além é um rio calmo, preguiçoso,
Como velho senhor de ricas terras,
Farto de goso.
Na margem rubra de altas cerejeiras
Um mandarim de largo ventre de ambar
Ri um riso amarello
Porque pescou um peixe de oiro e nacar,
Nervoso e bello
Que ainda tinha na guelra
Palpitante de vida
Um anel esguio de esmeralda
De amada desconhecida,
Talvez uma mascote de paixão...
Doido, o peixe contempla o frio algoz
Com pupilas humanas esgazeadas,
De metter piedade, de implorar perdão!...

Ao longe, pela fralda da montanha,
Ha um grupo colorido, multieor,
Que parece cantar os versos tolos
De embalar criança
Que ha na biblia sagrada do *Chi-King*,
Ridente de esperança:

— Ai de mim se a aurora não mandasse
A labareda e o amor do astro da Vida!...
Ai de mim!...

— Se o pomar todo murchasse e as cerejeiras
Ficassem roxas de tristeza
Ai de mim!...

Ao lado os dragões negros, de velludo,
Sonham de olhos abertos, de topazio
Num pesadello traíçoeiro e mudo,
Coisas rubras, tragedias exquisitas
Visões de escarlata e desgraças.
E esplende um céu azul de porcellana.
A China é simples, conformada e religiosa.
E' onde a vida é calma e doce e mais celeste
E mais humana.

O biombo é aquella patria resumida.
Neste mundo de seda

— Tudo brinca, tudo sonha sorridente.
Tudo é lago, poesia e mandarim...
Fecha o desenho, bello como um broche,
Donairoso casal de pombos de Nankim.
Que se vai namorando e vai rondando
Um sublime bazar de opio e deboche!...

PRECE A UNS OLHOS VERDES

 LHOS verdes de magicas sereias,
Talismans de venturas e piedade,
Somnambulas visões de lua-cheias,
— Lampadas mysticas da Immensidade!...

Olhos que mudam mil ardentes veias
Em fontes frias de serenidade,
Olhos que lavam mil paixões alheias,
— Lagos divinos da Felicidade!...

Olhos como os das Virgens das capellas
Que dominam vulcões, males, procellas...
Pharoes de luz phosphorescente e calma!...

— Eu vos peço da vida entre os abrolhos,
Minha Nossa Senhora desses olhos,
Uma esmola de luz para minh'alma!...

EGOISMO RÉGIO

NÃO chores, pois, chorar, não basta aos peccadores
Nem o pranto commove as almas dos incrêus,
Nem se póde construir de lagrimas as flores,
De escadas de Jacob para subir aos céus!...

Não basta o cantochão dos teus clamores,
Não basta ver, de longe, envolta em roxos véus,
Uma alma padecente em procissão de dores,
Num cortejo infeliz, sem palmas, sem trophéus...

Na crystallização das lagrimas que choras
Quero mais do que a luz de ephemeras auroras;
Como régio tyranno anseio um rubro jogo!...

— Salomé quiz, na salva, uma cabeça fria...
Na concha do teu seio a minha tyrannia
Exige um coração despedaçado, em fogo!...

A SYMPHONIA DA INDEPENDENCIA

DESDE as remotas éras das audacias,
A patria — premio excelso das conquistas,
A filha das espumas e do sol,
Gosava a mais divina liberdade,
Nas florestas, nos mares, no Infinito...
Em tudo reboava o airoso grito
Da independencia e da fraternidade !...

Quando o seculo XV resplendente
Abria os olhos seus ao Velho Mundo,
Nos seios já lhe ardia o amor profundo
Da santa liberdade omnipotente,
Entre as ondas de paz e de procellas,
E enquanto os bonzeos filhos seus cantavam
E os roseos horizontes se entreabriam,
Domando as tempestades descancavam
Cabral e seus heroes fechando as velas.

E os teus campos, ó Patria,
Donairoza tu abrias
Mostrando mil bellezas multicores
Como os leques reaes de pedrarias,

De lantejoilas e malacachetas,
Cheios de perfumes e de flores,
De garças brancas e de borboletas.

Vaidoso o sol beijava e consagrava
Tua nudez pagã que estremecia
E as estrellas cadentes,
Nervosas de alegria,
No tapete da noite saltitando
Como loiras crianças innocentes
Brincavam pelo céu te festejando,
Emquanto ia da torre do Infinito
O Cruzeiro do Sul te abençoando.

Era, pois, mistér um jugo altivo
Para gozar-se essa conquista loira,
As mil grandezas deste sonho vivo!...
E um captiveiro rude se installou,
Houve noites de dor e de impiedades,
E lagrimas, lamentos e feridas
E guerras e degredos e saudades!...

Mas seus filhos, depois, allucinados,
Na terrivel visão das amarguras,
Cantavam á patria mãe,
Ao mundo proclamando as glorias suas,
E ella se abria num paiz de fadas,
E berço das auroras e das luas
Quando a augusta trindade dos Andradas,

A' mais alta eminencia,
Ergueu-lhe, enfim, as bellas faces nuas,
Para os beijos do sol da Independencia!...

Paraísos mysteriosos se entreabriram
E os deuses vinham ter com os denodados.
Havia semi-deuses feitos homens
Alguns tão juvenis, outros tão velhos!...
Genios de escol!
De coração aberto e de alma nua,
De cabeça de prata como a lua!...
E cerebro de fogo como o sol!...

A alvorada de 7 de Setembro
Abriu os horizontes promissores
E toda a Natureza festejou
A gloria do Brazil!
O terminio das dores,
A volta da perdida liberdade,
— O mar inteiro com florões de espuma
Galhardamente alegre se enfeitou;
Em congratulações nervosas de heroismo,
A praia esbelta nympha recebia
A divindade herculea do Atlantico,
Para o abraçar, para o beijar.
Tudo cantava, então, tudo sorria...
— As montanhas coroadas de luar
Erguendo no horizonte régio porte,
Na eloquencia da altura

Pareciam, também, aos céus gritar:
— Independencia ou Morte!...

Em batalhas com o mar,
Entre rude fragor,
O Amazonas, além, repellindo a onda forte,
Numa lucta sem fim,
Bradava um canto heroico de estentor,
Barbaro demais para um humano cantar
Mas que terminava quasi assim:
— Independencia ou Morte!...

Tudo brilhava e rejuvenecia.
As auroras debruçavam-se nos montes
Saudando a patria que se redimia!...

Os pesados grilhões do velho jugo
Rolavam pela terra triumphante.
Hymnos sylvestres de flautins alados,
De harmonia cambiante,
Nervosos, estonteados,
Vinhão voando das montanhas de oiro.
Palpitava e esplendia a patria inteira,
— Divina como um sol
Sem arrebol.
Tão preciosa, radiante e ambicionada
Como lendario, fulgido, thesoiro.

E as musicas heroicas, triumphantes,
Como retalhos de trophéus sagrados,
Como tecidos rubros de centelha
Da malacacheta do zenith,
De Este a Oéste, de Sul a Norte
Balançavam levando a legenda vermelha:
— Independencia ou Morte!...

Entre a gloria da paz e da esperanza,
Entre nuvens iriadas de desejos
E ondas suaves de amor e de bonança,
Foi assim que surgiu
A aurora magistral da Independencia.

— O cavallo do principe
Farfalhando, de alegre, as alvas crinas,
Varava o valle verde do Ypiranga
E as aguas crystallinas,
Humildemente, véus de prata
Lhe estendiam sob os cascos;
Depois, coisas divinas
Lhe cantavam rolando sobre os rastros,
Num bailado de espumas e harmonias,
Na liberdade eterna da corrente...

Foi sob um céu de fogo ardente de verão,
Longe se ouvia — Independencia ou Morte!...
— Reboava no espaço a soberba legenda,
Igual a prophecia dum trovão,

— Um presagio vibrante
De desgraça ou de glória;
E o cavallo do principe voava...
Um scenario de sonho abria a Historia.

E as timidas crianças innocentes
Tão descuidadas como os passarinhos,
Entre os seios maternos,
Nas cabanas perdidas dos caminhos
Ouvindo o rubro grito que troava,
Perguntavam, trementes,
Minha mãe, minha mãe o que será isto?!...
— O som passava ao longe, quem sabia!...
Alguem que na floresta delirava...

Apenas, vagamente, além, se via
Leve, aurea poeira pelos matagaes,
E uma espada de fogo reluzia
Entre o rubro rumor solenne e forte
E o horizonte vagamente repetia
Espalhando pelos pontos cardeaes:
— Independencia ou Morte!...

O CORISCO

alta noite. A Terra que já dorme,
Tremendo accorda, livida, assombrada,
Ao regougar no céu, como disforme
Gigante provocado na caverna,
— O corisco que desce ingreme estrada,
Parecendo o anjo máo de asas galantes
De labaredas fulvas, farfalhantes,
Por Deus expulso da Morada Eterna.

Desce com rubro giz electrizado,
Traçando, além, perante terra e mares,
Tal como um desenhista allucinado,
Com os dedos a estalar em erispação,
Caricaturas vivas, singulares,
Sobre a nocturna lousa da amplidão.

— O corisco é como a chamma redemptora
Que illumina a alma da Arte e da Sciencia
— E' a Inspiração que, electrica e fulgente,
Caricaturas em phosphorescencia
Giza á treva de um morto cerebello,
Dando-lhe vida, milagrosamente,
Na alleluia phantastica do Bello!

AMBICIONADA

É tão rica de amor ! Tua carne ardente
Encerra o magnetismo duma aurora.
O olhar do mundo inteiro te devora,
Nervoso de ambição, perennemente.

Ante os teus pés o proprio céu demora
Como escravo curvado humildemente.
Por teu despreso o mar ficou doente,
— O Zodiaco inteiro te namora!...

Tudo te quer assim desta maneira,
Mas nas regiões, talvez, soturnas, áridas,
Sómente a terra, a muda feiticeira,

Possa lograr-te as formas tão preciosas,
Para extrahir a vida das cantharidas
E os perfumes das flores venenosas!

PAYSAGEM DO DESERTO

ERMO, plumbeo e escampado é o triste Sahara infindo
— O sepulchro onde vai, no meio dos desertos,
O sol resuscitar como um Christo sorrindo,
Numa pompa de fogo, a alçar os céus abertos.

Erram, lá no horizonte, alguns vultos incertos,
Beduinos que vão sede e fome carpindo,
De oasis á procura, estafados e alertos
Ao *simun* que os persegue, estúpido, rugindo.

Nem uma asa no Azul, se vê dansando, atôa,
Nem um rio, sequer, estende as claras veias,
Nem murmúrio de amor a solidão povôa.

Só nas urnas de pedra, em pyramides cheias,
Velhos segredos mil, guarda, como leôa,
A Esphinge — a imperatriz soberba das areias.

MEZ SAGRADO



MEZ da luz, mez dos sons, mez dos perfumes,
Setembro desabrocha em symphonias.
Mez sonoro dos passaros implumes
Sagrados de esperanças e alegrias!...

Mez das estrellas e dos vagalumes,
Sublime de illusões e de magias.
Mez do Amor, das paixões e dos ciumes,
Scintillante de glaucas phantasias!...

Mez das venturas, meigo de clemencia,
— Sorriso do anno, ao mar, ao campo á serra.
Mez da esperança — mez da Independencia!...

Sem dores, sem perigos, sem escolhos.
— Mez em que Deus te modelou na Terra,
Segredando o Céu todos nos teus olhos!...

TARDE

A tarde, quando plange a Ave-Maria,
E a Terra ostenta um véu de dubias cores,
Quem não sente no peito a romaria
Das lembranças crueis de velhas dores?!...

E quem, ao ver do occaso a campã fria,
Não quer resuscitar mortos amores,
Ouvindo, longe, os bois chorar o dia,
E as cigarras em mysticos clamores?!...

O sino reza, tremulo, um rosario
De lindas lendas langues, doloridas,
E traz paixões dum reino millenario.

Emquanto o céu da noite, abrindo as portas,
Solta as estrellas — lagrimas perdidas
De mães velhinhas e de noivas mortas!...

POENTE

SONHO desfeito, já chimera fria...
Velho sino da torre a relembrar.
Cahe a terra em profunda nostalgia,
Maguada porque o sol se vai findar.

Saudade a reviver... morrendo o dia
Arde no Azul o cirio do luar.
Não ha mais esperança e alegria,
— O coração da Terra vai parar.

A noite enluta a pobre Natureza,
E eu que assisto, a expirar, o régio sol,
Sinto minha alma de paixões surpresa.

No céu, reinando, como Grão-Mogol,
Sob a delicia morna da tristeza
E a bandeira de fogo do arrebol!...

CHAVE DE OIRO

DA torre do Infinito, Deus falando,
O cofre do mysterio foi-se abrindo:
— Faça-se o Dia! — e sahe o sol sorrindo:
— Faça-se a Noite! — e a lua vem chorando.

E a Terra, semibebeda, accordando,
Saccode o Mar, seu verde manto infindo,
E sob o olhar de Deus, no Azul bailando,
Mostra aos astros irmãos, seu corpo lindo.

Mas o artista do céu, passando a ver
Que naquelle pedaço do thesoiro
Faltava o mais divino por fazer.

Reuniu sonhos e lagrimas, então,
E Eva sorriu formando a chave de oiro
Do poema auroral da Creação!...

CAVALGADA NOS SECULOS

(EXCERPTOS)

Lendo a Historia Universal sentimos, sempre, dubias e vibrantes sensações de alegrias e tristezas, de bellezas e horrores.

Isso se nota, com mais intensidade, certamente, nas almas emotivas dos artistas que muitas vezes se sentem numa febre ansiosa de desejos por volver ás idades antigas. Viaja-se, então, sonhando e delirando entre sorrisos de chimeras, esperanças e pavores de tragedias, o que eu chamo no poema o "estado-maior, marcial e bello, na viagem sem fim". Em cada pagina que se folheia da Historia, resuscitam novas sensações, novos motivos, entre cadeias de montanhas e campos celebres onde se travaram batalhas deshumanas e se levantaram cidades gloriosas.

A Historia, segundo os mais autorizados escriptores, começa depois do Diluvio; pôde-se dizer que ella nasceu com o povo de Israel. O Decalogo parece ser a pedra fundamental com que Moysés inaugurou os divinos principios na Terra, e assignalou os primeiros feitos da humanidade, que foram desenrolados e multiplicados na Africa, Asia e Europa unicos pontos do mundo, conhecidos, então, pelos antigos.

Aqui vão publicados, apenas, alguns trechos, esparços do poema que sahirá, depois, desenvolvido num volume especial interpretando, assim, os feitos e acontecimentos mais notaveis até hoje.

CAVALGADA NOS SECULOS

UM dia de verão, incendiado,
Abrindo a rubra historia do Planeta,
Senti-me arder sequioso de aventuras,
E, olhando os quatro pontos cardeaes,
As planicies, os mares, as alturas,
Numa cota-de-malha de platina,
Vestido, e a saccudir ao sol e aos ventos
Um manto multicolor de turmalina,
Empunhando a lyra fulva e sensitiva
Descarnada de amor e soffrimentos,
De lança ao lado e olhar de abutre ansioso
Esporei o meu Pégaso de sonhos
E invadi os dominios do Passado,
Em revista ás ruidosas barbarias,
Ás paizagens de flor e ás paizagens de sangue;
Destemido, cruel, tenaz, vaidoso,
De frente, erguida, alma fervente e altivo porte
Como velho tyranno acostumado
A jogar sobre a Morte,
Desafios medonhos!...

* * *

E as walkyrias tafues das esperanças
E amazonas terriveis das tragedias

E todas as chimeras voluptuosas
Vestindo véus de arco-iris e crepusculos,
Virginaes e vaidosas,
Coroadas de opalas e violetas,
Em cavallos côr de ébano e marfim
Num sequito bizarro me seguiam
Como estado-maior marcial e bello,
Da minha soberana omnipotencia,
Na viagem sem fim.

— Por onde o meu corsel sapateava
Partindo o labyrintho das edades,
Pela Africa, pela Asia, pela Europa,
Nos continentes de oiro, escancarados,
Cordilheiras soberbas: — o Himalaya,
Os Alpes, os Carpathos assombrados
Levantavam-se erguendo continencia.
Ao longe as tempestades me affrontando
Com os mil genios dos males e dos vicios,
Como cegas pantheras, desvairadas,
Roucas de odio bramiam, praguejando
Nos contrafortes nús dos precipios.
E pela estrada branca que eu seguia
Resuscitavam todas as lembranças,
A estrada, rindo, em flores explodia,
As timidas corollas se curvavam,
Eu ia ébrio de sonhos e desejos
Entre dubios prazeres e entre magnas:
Entre o amor e as saudades peregrinas

— Ora as estrellas me jogavam
E ora, além, cabriolando pelas fraguas,
As tempestades mil em carnaval,
A desfiar em coriscos o céu todo,
Lançavam-me terríveis serpentinas!...

* * *

E eu via em torno a mim a natureza
Insoffrida, cantando ou soluçando.
— O Teneriffe, o Vesuvio, o Fusi-Yama;
Como pyras solennes, flammejando.
Os mares multicolores levantavam-se
Convidando-me ao reino sonoro:
— O Mar Negro, o Amarello, o Mar Vermelho
E o azul Mediterraneo generoso.
O Adriatico, além, ria e brilhava
Qual piscina sonora de saphira
Onde a Italia pagã, lubricamente,
Como Venus do Globo, se banhava.
E os rios incançaveis tão velhinhos,
Delirando a seguir-me nos caminhos!...
— De um lado a estrada muda das areias,
De outra banda em murmuro perennal,
As estradas falantes das correntes,
Umas, de queixume e sangue, cheias,
Outras, cheias de cantos innocentes.
E eu tinha sob os cascos do meu Pégaso:
— O Nilo, o Congo, o Zambeze,
Jordão, Euphrates e Ganges,

Depois da conferencia que tivera
Com o rei Senhor da Vida e do Destino.
Vinha trajado de velludo loiro
Dum pello de panthera;
Tinha a attitude dum gigante bravo
E um sorriso innocente de menino;
Tinha a alma branda e o coração subtil
Do silencio solenne da montanha,
E os grandes olhos doces, deslumbrados
E azues de tanto olhar os céus de anil!
Revia a Terra crente e esperançado
Como conquistador altivo e bom.
Na sua barba branca de neblinas
Brincavam borboletas carinhosas;
Sob os seus pés, as nuvens de alto a baixo
Formavam na descida triumphante,
Escadarias de marmore sumptuosas.
E a pedra viva humanizada e eterna,
Dos puros Mandamentos,
Oscillava num braço do gigante,
— Branca, pesada e forte como a Lei,
— Simples como os divinos pensamentos!...
As aguias que lhe foram companheiras
Gritavam-lhe, talvez se despedindo,
Hymnos selvagens, das alturas frias,
E eu, da lyra peregrina, desatei
O rosario das brancas harmonias
E cantei-lhe, tambem, uma canção ardente,
De gloria, de epopeia,

A que o chefe triumphante dos prophetas
Me respondeu erguendo o braço enorme,
De alabastro ou marfim,
Tacteando, contricto, os espaços azues
Para então arrancar no pombal do Infinito,
Uma pluma de estrella — uma benção de luz
Que atirou sobre mim.

E as walkyrias, chimeras e amazonas
Jogavam beijos mil aos pés do monge
E partiam commigo enthusiasmas
A' procura de novas sensações.
Abriam-se em palacios de alegrias
Os nossos venturosos corações.
O Sinai contemplava-nos de longe,
Fascinado de tantas phantasias.
— Por onde o meu corseel sapateava,
Cordilheiras erguiam continencia,
Os caminhos ungiam-me de aromas,
As estrellas doiravam-me de beijos,
E o céu todo em corisco me embrulhava...

.....

Fui ás plagas antigas ver de perto
Onde cantaram todas as mulheres,
Onde rugiram todos os guerreiros.
Passei chorando numa patria morta:
— O Egypto, o velho Job triste, do mundo.

Fazendo estremecer os céus e a terra,
Num solenne tropel de tempestades
Por decreto da Esphinge me seguiam,
Mal contendo a afflicção de enorme furia,
Até lá na fronteira onde tremiam
Os braços das florestas me chamando,
E os seus seios sorrindo de luxuria!...

.....

Vi Cleopatra ardendo de desejos
Entre escravos e artistas no deserto;
Sorrindo e seduzindo Marco Antonio,
— Comprando Roma por um par de beijos.
O Nilo, qual serpente, se enrolava
Feito cauda do amor e do demonio
Na cabeça do mundo que tremia.
E o destino fatal e os doidos genios
Expulsavam da patria primitiva
Para o eterno degredo dos millennios,
Os herdeiros de fulgidas victorias:
— A familia real de Prometheu,
Uma raça fadada a ser captiva,
Vivendo a ruminar as velhas glorias,
E os restos do seu sonho que morreu!...

* * *

E as walkyrias tafues das esperanças
E amazonas terriveis das tragedias

E todas as chimeras me seguiam
Como o estado-maior da omnipotencia.
Por onde o meu corsel sapateava
Partindo o labyrintho dos millennios,
Cordilheiras erguiam continencia,
Resuscitavam todas as lembranças
E eu ia ébrio do egoismo de triumphos,
Com o peito dilatado febrilmente
Atraz de sensações de amor e guerras,
Sentindo compellir-me para frente
As auroras nervosas dos desejos.
O biombo do horizonte se afastava
Para eu ver o segredo de outras terras,
E os caminhos em flores explodiam,
As estrellas doiravam-me de beijos,
E o céu todo em coriscos me embrulhava.

.....

Fui até á Asia, o eden mysterioso
Grande como os seus lyricos prophetas,
Menor do que Alexandre ambicioso,
— O parnaso de humildes deuses poetas,
Onde as estrellas descem carinhosas
Trazendo nos seus beijos esperanças
Para os magos e os genios
Para as noivas e as rosas,
E enganando as timidas crianças

Com seus sorrisos azues
E promessas mentirosas...

.....

Encontrei-me com Attila que vinha,
Uma tarde no rumo do occidente,
Varando os horizontes cobreados.
Senti que a terra em volta era tremente.
Da minha onnipotencia, altivo e estoico,
Parei para de perto contemplar-o.
Meu Pégaso saudando o seu cavallo
Que sangrava furioso pelos pés,
Relinchou retalhada gargalhada:
— Sob o alfange febril do chefe heroico,
Um cruel turbilhão de satanazes
Arrancava trovões do peito herculeo.
Os seus gritos de guerra ensurdeciam.
As lanças fusilavam nas areias
Como linguas ferventes de tenazes;
Desfraldavam-se, além, nuvens de sangue,
Os coriscos sorrindo das alturas
As arvores de bronze bipartiam.
E reboava o fragor das amarguras:
— O Oriente com o Occidente se chocava.
As bacias dos mares pela Europa
Transbordavam qual leves taças cheias.
O Sol foi esconder-se no poente,
Em syncopes a Lua desmaiava,

E em congresso os trovões e as tempestades
Nas cavernas de chumbo da amplidão,
Irritados aos trons da tropelia,
Vendo nelles, talvez, rivalidades,
Commentavam, damnados de paixão:
— Para onde irá mudar-se a barbaria?!...

.....

Na Africa deixei os mercenarios,
Famintos, entre glorias combalidas.
Vi Amilcar fazendo mil rosarios
Ou sangrentos jardins de margaridas,
Das barbaras cabeças degolladas,
Para os rubros festejos da victoria,
Da victoria terrivel de Carthago!...
— Percorrendo as paysagens devastadas
Encontrei, nos caminhos revolvidos,
Innocentes leões crucificados,
Pedacos d'armas e d'homens, confundidos
E bagagens, escravas e camellos,
Na impiedade da areia desprezados,
E vi como nos loucos pesadellos,
Entre fins de batalhas exquisitas
A' noite, no horizonte dos desertos,
Elephantes de guerra além bramindo,
Blasphemando a correr incendiados,
Que davam a apocalyptica impressão
— Que eram os céus que se estavam bipartindo
E os planetas rolando espedaçados!...

E as chimeras nervosas me seguiam,
 E amazonas terríveis das tragedias,
 As walkyrias gritavam desvairadas
 Rasgando os verdes véus e as loiras tranças.
 Por onde o meu corsel desabalava,
 Resuscitavam tragicas lembranças,
 Os caminhos em sangue, então, ferviam
 As estrellas prateavam-me de lagrimas,
 E o céu todo em coriscos me embrulhava.

.....

Vi reis voltar da guerra descantando
 Psalmos doces defronte de um altar.
 E sob os pés dum barbaro mais forte
 Reis captivos, chorando e blasphemando...
 A espera do algoz, irmão da morte.
 Para estojos de imagens de princezas,
 De perolas um throno se bordava,
 Vi galeras pesadas de riquezas,
 E cidades heroicas em leilão.
 Para alguns potentados e servis,
 Para reis disputar um coração
 Talvez de uma Lais...
 De uma mulher que foi escrava!...

E as chimeras, tragedias e esperanças
Num cortejo bizarro me seguiam
Por onde o meu corsel sapateava
Os caminhos em flores explodiam,
E o céu todo em coriscos me embrulhava.

Um dia, numa grande madrugada,
Longe pompeou um lyrico amphitheatro,
Uma cidade branca e luminosa,
E o estado-maior da cavalgada
Bradava com surpresas de alegria:
— E' Athenas!... E' Athenas gloriosa!...
E as trombetas serenas de esmeralda,
Perfumavam minha alma de elegias
Emquanto eu contemplava, ao longe, o mar
Enfeitado de flores de diamante
E galeras sangrentas de batalhas.
E a neblina da noite suspendo
A cambraia de prata tremulante
Para o meu fulgido sequito passar.
Grinaldas de granada das auroras
Engalanavam todos os caminhos,
Os tumulos gelados, das bacchantes
Em leitos de papoilas explodiam
Ensaizando alleluias desejadas.
Passarinhos, no Azul, iam cantando
As rapsodias de mil mortos amantes...
E assim fui penetrando e desfilando
Na cidade de lendas e balladas...

E as walkyrias cantavam de esperanças
E todas as chimeras entre anseios!
Por onde o meu corseel sapateava,
Resuscitavam lyricas lembranças.
Pelas praias as nymphas voluptuosas
Erguiam-me pyramides de seios.
As estatutas soberbas dos heroes
Saudavam-me contando das alturas,
As vermelhas historias gloriosas.
Multicôres trophéus a luz doirava.
As náíades além me namorando,
Aureos bosques em musicas tremiam,
As collinas me erguiam continencia,
E o céu todo em coriscos me embrulhava.

Vi o triumpho maior da poesia
Um pobre cégo defender Athenas.
Sózinho como um deus:
— Capitães festejavam num banquete
O incendio da cidade gloriosa.
Afilhada de Zeus.
Mas o cégo cantando um madrigal
Os corações ferozes se partiam,
Dos arrependimentos e das dores
E em breve, num milagre divinal,
As labaredas desapareciam
Nas lagrimas dos barbaros senhores.
E o pobre cégo foi-se embora, então,

Levando como palma a sua lyra
Como uma lança levando o seu bordão.
Mergulhado na verde luz da gloria
Olhando um sol, talvez, que ninguem vira.
— E guiado pelo braço da victoria!...

.....

Voltei pelo Occidente ensanguentado,
O meu manto precioso, fulgurante,
Manchou-se e o meu cavallo desvairado,
Relinchando aterrado e vacillante,
Cobriu-se do pó negro dos escombros,
Vi Roma rugir, rubra, rolando,
E Annibal caprichoso em grande calma,
Sobre uma cordilheira de amethista,
A deslocar o Globo como Atlante.
Prendendo os horizontes dentro d'alma,
No delirio ambicioso da conquista.
Palpitando de sonhos e de dor
Balançava o Planeta nos seus hombros.
Cascadeava sangue pelos valles,
A Morte abria rindo a fauce hiante,
Num gesto desgraçado, heroico e frio
E entre a neve os soluços e o terror
O proprio céu supremo era sombrio
— Com medo do Gigante!...

.....

E por todas as plagas onde andei,
Predominava o fogo da ambição
Abrindo em cada peito uma cratera
De esperanças, de anseios e de dores
Vi seis incontentados redemptores:
— Confucio, Budha, Socrates, Platão,
E vi, na mesma esphera,
Christo de braço dado a Napoleão.
— O heroe do Bem, no throno do Calvario,
Entre espinhos e a cruz queria os céus,
E o messias do amor tumultuario,
Dormindo sobre loiros e trophéus,
Sonhava com o Olympo.
Todos queriam gloria, eternidade...

Vi Caucasos, vi muitos Prometheus,
Por ordem de terrenas divindades
Entre abutres crueis por ninguem visto,
Vi Mephistofeles cheio de bondades,
Feito servo de Deus,
— Arremedando Christo!...

Quando quiz conhecer o autor do Mundo,
Uma triste mulher, bondosamente,
Se me offereceu para mostral-o.
Mas notei-a, tão magra, tão sinistra
De olhos tão fundos e de mãos tão magras!
Que quasi cégo, surdo, mudo e louco
Tremendo respondi á triste imagem:

— Irei contigo mas, espera um pouco,
Deixa ao menos que eu finde essa viagem!...

E as walkyrias tafues das esperanças,
E todas as chimeras me seguiam
Como o estado-maior da omnipotencia.
Por onde o meu corsel sapateava,
Cordilheiras soberbas: — o Himalaya
Os Alpes, os Carpathos assombrados
Levantavam-se erguendo continencia,
Resuscitavam todas as lembranças
E rescendiam todas as saudades...
Eu ia ébrio de sonhos e desejos,
A floresta dos seculos se rasgava
As estrellas doiravam-me de beijos,
E o céu todo em coriscos me embrulhava !

